

ELOGIO DA ESCOLA

SCHOOL CHEER

Denise Ribeiro Santana 1

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (1997) e especialização no Ensino da Educação Física Escolar/Esporte pela PUC/Minas (2001). Experiência profissional na docência da educação básica (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e Estado de Minas Gerais). Desde 2014, atua como Técnica Superior em Assuntos Educacionais do Instituto Federal Minas Gerais no Setor de Avaliação Educacional. Exerce a função de Procuradora Educacional do IFMG em atuação direta com a avaliação dos cursos superiores da instituição. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de São João del Rei. E-mail: drsantana0904@gmail.com

A obra *Elogio da Escola* que faz parte da coleção “Educação: experiência e sentido, editora autêntica, sendo Jorge Larrosa seu organizador e Fernando Coelho tradutor, propõe ao leitor uma reflexão sobre o que é a escola, tendo como base a obra “*Em defesa da escola: uma questão pública*”, dos filósofos da educação Jan Masschelein e Maarten Simons (2015). O livro apresenta-se em quatro partes através das quais, a escola é discutida por vários aspectos: o filosófico, o político e o social. Como se tirassem retratos de diversos ângulos, a escola por meio dos autores participantes da obra é defendida, questionada, desnudada e ressignificada. Para a mobilização desse grande projeto, Larrosa partiu da seguinte proposição:

Elogio. Do latim *elogium* e do grego *elegeion*. Com raiz indo-europeia *leg*, remete a uma inscrição, normalmente um dístico, feita sobre uma tumba ou sobre uma imagem com a intensão de louvar ou elogiar o defunto ou o personagem. Daí seu parentesco semântico com o “epitáfio” (formada pelo prefixo *epí*, “sobre”, e o substantivo *táphos*, “tumba”) e etimológico com “elegia” (composição poética), normalmente escrita em dísticos, para lamentar a perda de algo ou de alguém).

Escola. Do grego *skholé*, literalmente “tempo livre”, traduzido para o latim como *otium*, “ócio”. O termo latino *schola* designa o lugar ou o estabelecimento público destinado ao ensino. Poderíamos dizer que a palavra *escola* remete, fundamentalmente, ao tempo (livre) e ao espaço (público) dedicado ao estudo (p. 10).

Pela proposição pode-se ter o entendimento de que a reflexão sugerida não é necessariamente elogiar a escola, mas relatar o seu fim, sua perda e também pensá-la como uma configuração espaço-tempo. Mas o que parece seguir pela acusação, na verdade segue-se ao longo dos textos a construção de defesas do que é a escola e o que essa instituição representou e representa nos dias de hoje.

A primeira parte que traz o título homônimo ao livro, Masschelein e Simons trazem no texto inicial a problematização da língua da escola e perguntam: alienante ou emancipadora? Ao colocarem a língua da escola no debate, mostram como a imposição de uma língua oficial pode ser um ato de violência e consequente agente normalizador, colonizador e alienante. Os autores tratam a escola como uma invenção educacional, mas buscam refletir sobre o futuro do mundo e das gerações vindouras, esse modo pedagógico chamado de escola. Apontam que a língua da escola é artificial, por ser algo feito para e pela escola, impregnada pela característica de suas disciplinas (Física, história e matemática), ou seja, há segundo os autores, uma coconstrução da língua com as disciplinas. Outro reforço ao seu caráter artificial, se dá pelas novas gerações, que segundo Hannah Arendt, referenciada pelos autores, “a língua da escola é um tipo (estranho) de língua amorosa que põe em cena o amor combinado pelo mundo e pela nova geração” (p.32).

É importante destacar que o contexto de discussão sobre a língua da escola, parte de escolas belgas (com três línguas oficiais), além de escolas europeias de maneira geral, com suas diversas línguas e dialetos, reforçada pela migração (chegada de refugiados) e identidade nacional. Ao sugerirem a hipótese de uma língua artificial, apresentam consequências que possam sustentá-la: 1) A língua falada na escola é bastante arbitrária e parcialmente acidental; 2) É responsabilidade da escola ensinar aos jovens a língua da escola, por amor à próximas gerações; 3) Gramaticalizar a língua paterna ou materna, e permitir que a língua se torne objeto de estudo; 4) A escola tem que oferecer sempre mais do que uma língua a ser aprendida e estudada como matéria; 5) Fazer da língua da escola uma língua oficial sempre implica em transformar a escola em um modo de socialização e portanto de reprodução.

No segundo texto, “*Experiências escolares: uma tentativa de encontrar uma voz pedagógica*”, os mesmos autores, debatem sobre a aprendizagem, avaliando se a escolarização facilita ou melhora (ou não) a aprendizagem. Apresentam o trabalho de Peter Sloterdijk, que aborda a educação, particularmente, a educação escolar moderna como o tempo e o espaço em que a “vida muda”

está sendo organizada. Mas importa salientar, que Sloterdijk que não tem primeiramente interesses educacionais, mas sobretudo relacionados à ética e à estética, sendo sua intenção julgar a mudança educacional e a educação escolar com padrões éticos e estéticos.

Na sequência trazem uma abordagem filosófica, com teorias sociais e políticas usadas para conceber o significado da aprendizagem. Fazem uma diferenciação de filósofos da aprendizagem (Habermas e Latour) e filósofos da infância (Lyotard, Agambem e Arendt), filósofos “do ensino” (Levinas) e filósofos do “jogo” (Wittgenstein) indicando que papel as questões relativas à aprendizagem desempenham em suas cenas teóricas. Seguindo no debate filosófico, Masschelein e Simons, argumentam: “O risco é que a educação e a aprendizagem sejam consideradas prevalentemente um campo de aplicação de teorias desenvolvidas em outro campo e com outros propósitos, ou que seja um campo de prática com uma função ou significado que deve ser derivado de outras práticas não educacionais” (p.50). Para concluir, sugerem que a voz pedagógica seja a voz do meio, em contrapartida à marginalização da educação e da aprendizagem nas teorias filosóficas, que têm a tendência de naturalizar a aprendizagem e instrumentalizar a educação escolar.

Walter Kohan apresenta o terceiro texto e com uma abordagem poética cita Vinicius de Moraes e Baden Powell: “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”, ao contar como conheceu o trabalho, além de conhecer pessoalmente Jan Masschelein. Com o título, “*Em defesa de uma defesa: elogio de uma vida feita escola*”, Kohan ao saber que Masschelein tinha o costume de viajar para fazer exercícios que consistiam em caminhar junto a estudantes belgas, com um colega arquiteto (Wim Cuyvers), por diversas cidades do mundo, surgiu então, a proposta de convidá-los para virem ao Rio de Janeiro. O encontro aconteceu em 2012, trinta alunos belgas mais trinta alunos brasileiros, com a proposta de caminhar pela cidade, em duplas, em busca de *skholé*. Do encontro, Kohan descreve sobre Masschelein: “...uma espécie de Jacotot andante, um professor que caminha com seus estudantes e lhes faz as perguntas do mestre ignorante para que eles explorem toda a potencialidade de sua inteligência” (p. 73). Segundo Kohan a pedagogia de Masschelein nos ensina que não há aprendizagem sem entrega, sem exposição a uma viagem que tire do lugar, que nos faça sair da zona de conforto.

Inés Dussel, no texto intitulado “*Sobre a precariedade da escola*”, propõe a análise de distintas versões da precarização com leituras diferentes sobre o que é a escola e suas condições para perdurar. Os sentidos de precarização trazidos por Dussel vão do viés filosófico de Judith Butler, econômico e sociológico com Standing e Robert Castel, a outras possibilidades de sentido pelo viés da “crítica-artística” com Boltanski e Chiapello, Hal Foster, crítico de arte e Hernandez Navarro, historiador de arte. Outras reflexões trazidas por Dussel, são sobre a escola ocupar um espaço fixo e imóvel, e o que a faz perdurar e se manter estável no espaço social. A autora tenciona a relação da escola e das novas mídias digitais e suas dificuldades de se recriar diante das novas condições. Ao concluir diz ser necessário revisar as perspectivas críticas de caráter reprodutivistas da escola, pensando propositivamente com vistas ao futuro e por fim, ao pensar nas condições materiais e estratégias, nas políticas e na cotidianidade do escolar, sugere: “É preciso imaginar novos dispositivos, tecnologias, artefatos ou saberes que dialoguem melhor com essas novas condições do saber, e que se inscrevam nas formas concretas com que hoje se faz escola” (p.107).

O último texto da primeira parte, “*Um povo capaz de skholé: elogio das Missões Pedagógicas da II República Espanhola*”, J. Larrosa e M. Venceslao, relatam o que foram as Missões Pedagógicas (1931), que em seus quase cinco anos de existência percorreram a Espanha rural, isolada e analfabeta, levando artefatos culturais e educativos ao povo. Esses artefatos consistiam de: Museu, Cinema e Biblioteca ambulantes, além de um Coro e Teatro do povo. Larrosa e Venceslao mostram como essas Missões incorporaram a “ideia de escola” e fazem refletir como a escola com sentido de espaço público/tempo livre pode ser reinventada.

A segunda parte da obra, “*Em defesa da escola: notas à margem*”, os professores Inés Dussel, Walter Kohan e Maximiliano López trazem aos autores J. Masschelein e M. Simons questionamentos acerca de obra “*Em defesa da escola*”, numa análise mais detalhada são arguidos sobre questões como: 1) A politização e a popularização na escola serem fatores que contribuem para a domesticação; 2) A voz pedagógica da escola relacionada com as dimensões filosófica, social, cultural e histórica, até que medida não estão sendo desconsideradas; 3) Ao contextualizar o histórico da escola antiga, moderna e contemporânea, M. López, questiona a ideia de desenvolvimento,

igualdade universal e futuro trazidos pela escola. O último texto desta segunda parte traz uma série de dez perguntas feitas aos autores por alunos do curso “*A escola: formas, gesto e materialidades*”, ministrado por J. Larrosa. Foram abordados temas como: amor, vocação, professor vocacional; matéria de formação dos professores; modo de vida; caráter público da escola; diferenças culturais e demandas identitárias. Nos questionamentos apresentados, Masschelein e Simons, aprofundam e elucidam suas teorias.

“*Exercícios de pensamento sobre a escola*”, terceira parte da obra, apresenta-nos maneiras diferentes de expressão do que é escola. A primeira são registros de imagens de uma Escola Municipal em Juiz de Fora, Minas Gerais, o diretor do filme M. López, propõem refletir o estar das coisa e pessoas (gestos, vozes, objetos, lugares, brilhos, texturas, barulhos e silêncios cotidianos) da escola. Nas palavras do diretor, trata-se de um filme realista, por se debruçar sobre a escola de modo paciente e minucioso. A segunda forma de expressão nos é apresentada por Daina Leyton, com a exposição “*Educação como matéria-prima*” realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo. A proposta buscou pela etimologia grega *skholé* (tempo livre), segundo a autora, criar um espaço comum e fecundo que possibilitasse ao público vivenciar experiências significativas. Em “*Desenhar a escola: um exercício coletivo de pensamento*”, terceira forma de expressão, J. Larrosa, E. Malvacini, K. Rechia, L. Augsburg, J. Favere e C. Cubas lançaram-se numa experimentação coletiva de caminhar, observar, mapear, ler, conversar, propor, definir, escrever ou desenhar a escola. Partindo do espaço urbano, aplicaram noções de tempo, espaço, matérias, atividades e tecnologias na composição de mapas, textos e desenhos que procuraram ressignificar a escola, toda a produção transformou-se em uma exposição.

A quarta e última parte do livro, “*Mirar a escola: uma mostra de cinema*”, apresenta alguns filmes que não abordam diretamente questões pedagógicas ou educacionais, mas instigam o olhar a uma observação mais ampliada e porque não, menos ingênua. David Oubinã nos apresenta os filmes de Jean Vigo, mas dá destaque ao média-metragem “*Zero de Conduta*” (1933), considerado um ensaio poético sobre o tema liberdade *versus* autoridade, o filme se passa em um colégio interno. No texto de reflexão sobre a obra são feitas relações com os outros filmes de Vigo, além de Bruñuel, B. Keaton e Godard.

Karen Rechia e Caroline Cubas apresentam dois filmes, “*Elogio de l’escola e Escolta*”, que trazem a reflexão de como se pensar as relações entre cinema e educação. O primeiro é o registro em filme do projeto desenvolvido na Escola de Bordils (Espanha) em comemoração aos seus 75 anos. Nesse projeto os alunos foram chamados a documentar a escola em seus diversos aspectos, remetendo-se ao passado, registrando o presente e projetando o futuro da escola. O segundo, “*Escolta*” que em catalão significa “escuta”, é um documentário bilíngue na língua de sinais e catalão, foi filmado na Escola Municipal Tres Pins, em Barcelona, e faz o registro do convívio de crianças ouvintes e surdas nas mesmas aulas aprendendo entre outras coisas a língua oral e de sinais. Os dois filmes levam a pensar a escola, segundo as autoras, lugar de possibilidade de experiência daquilo que pode ser sentido: curiosidades, interesses, lembranças e emoções.

Finalizando a obra, Patrícia Lima apresenta o texto “*Ser e ter: a produção de sentidos – por uma topologia das infâncias e suas relações com a escola*”, o texto resulta de sua participação no Seminário *Elogio da Escola* no qual, foi exibido o filme “*Ser e Ter*”, que retrata um professor que trabalha em uma escola com crianças de diferentes idades. A reflexão passa por essa caracterização específica da uma escola intergeracional e intrageracional. Pensar a topografia das infâncias é pensar o lugar e a materialidade dessas infâncias na escola ou ainda os sentidos da escola para as infâncias. A narrativa aponta a importância do *ser* em detrimento do *ter*, trabalho permanente do professor junto às crianças no convívio coletivo.

Elogio da Escola apresenta uma reflexão atualizada sobre o tema Escola, que nos faz pensar seus significados e possibilidades de ressignificá-la, incluindo seus diversos atores / sujeitos. Pensar uma educação envolta de cultura e na cultura é oportunizar um outro olhar, para além das teorias e filosofias educacionais, dando espaço à construção de outros tempos e espaços de aprendizagem.

Obra Resenhada: Larrosa, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Belo horizonte: Autêntica, 2017. 318 p. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).